

Resumo: Este artigo apresenta a intenção de explorar as metamorfoses que permeiam o âmbito da cultura contemporânea em relação aos espaços de leitura. Por meio desta investigação, almeja-se discutir a cultura digital, examinando o impacto da incorporação de dispositivos tecnológicos, que ecoam nas tramas socioculturais. Para tanto, a pesquisa discute a interconexão e a hibridização, que propõem uma compreensão mais ampla das transformações em curso. A abordagem metodológica adotada neste estudo é de abordagem qualitativa, exploratória em seus objetivos e uma pesquisa bibliográfica, quanto aos procedimentos. A partir dessa base, emerge uma compreensão mais ampla, uma vez que as epistemologias digitais contemporâneas fomentam a inserção tecnológica na sociedade, engendrando perspectivas renovadas no tocante aos letamentos. Essa incursão tecnológica intervém nos modos estabelecidos de leitura e cria um cenário propício para a formulação de novas perspectivas, desencadeando a reconfiguração de processos, métodos, funções e alcances dos espaços destinados à leitura.

Palavras-chave: Bibliotecas; Conectividade; Cultura Contemporânea; Humanos hiper-híbridos.

Abstract: This article presents the intention to explore the metamorphoses that permeate the realm of contemporary culture in relation to reading spaces. Through this research, the aim is to discuss digital culture, examining the impact of the incorporation of technological devices that resonate within sociocultural contexts. To achieve this goal, the research discusses interconnection and hybridization, which propose a broader understanding of ongoing transformations. The methodological approach adopted in this study is qualitative and exploratory in nature, relying on bibliographic research for its procedures. From this ground, a broader comprehension emerges, as contemporary digital epistemologies foster technological integration into society, engendering renewed perspectives on literacy. This technological incursion intervenes in established modes of reading and creates a conducive scenario for formulating new outlooks, triggering the reconfiguration of processes, methods, functions, and the scope of spaces designated for reading.

Keywords: Libraries; Connectivity; Contemporary Culture; Hyper-Hybrid Humans.

Introdução

No contexto deste novo século, a profunda e vasta gama de diversidade cultural que emerge convoca a sociedade a se engajar em um processo de constante reconfiguração. Embora a reconfiguração seja uma constante intrínseca ao tecido social, na atualidade, este processo se revela de forma mais dinâmica e intensa. Cada ambiente sociocultural se desenha por meio de uma complexa trama entrelaçada por vórtices identitários. Esses elementos delineiam linguagens, estruturas e territórios que impulsionam a evolução de possibilidades. Diante dessa incessante situação de reconfiguração, o ato de compreender e apreender as mudanças tendenciais que se desenrolam no contexto contemporâneo torna-se uma forma de reconhecimento e legitimação da diversidade que constitui os comportamentos sociais.

Diante desse panorama, a pesquisa em questão direciona seu foco para um recorte específico no meio das transformações que permeiam o campo da cultura contemporânea. Esta pesquisa não aborda a cultura como um mero modismo, mas sim como uma resposta a uma realidade em constante expansão. Dessa forma, é incumbência dos pesquisadores nesse campo analisar, refletir, repensar e reposicionar suas abordagens e práticas, enfrentando os desafios trazidos pelo novo e pela mobilidade ideológica.

O termo "cultura" é suscetível a múltiplas interpretações, englobando desde o conceito de cultivo e civilização até modos de vida refinados e formas de conflito. No entanto, neste contexto, o foco recai sobre sua relação com a contemporaneidade e as transformações nos espaços de interpretação, decorrentes dessa interação. Partindo da premissa de que toda cultura é um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução, em consonância com sua natureza dinâmica, torna-se possível enxergá-la como uma construção histórica intrinsecamente vinculada ao contexto social.

E, dentro deste escopo, a análise mais profunda se concentra na cultura digital, examinando suas manifestações materiais e o impacto da introdução de dispositivos tecnológicos. Esse fenômeno reverbera nas tramas socioculturais, especialmente nos espaços de interpretação contemporâneos. Todavia, é crucial abordar, de forma interpretativa, a cultura contemporânea dentro do âmbito da cultura digital. Isso cria uma certa redundância, visto que a cultura do século XXI está intrinsecamente imersa no ambiente digital, em sua essência mais profunda.

É notável a transformação desses conceitos no que diz respeito aos espaços de leitura contemporâneos. Bibliotecas e locais destinados à leitura passam por um profundo processo de metamorfose, buscando adaptar-se às demandas dos leitores hiper-híbridos. A interação digital não apenas influencia o ato de leitura em si, mas também redefine a relação do leitor com as informações. Esse processo se reflete na adoção de tecnologias e recursos digitais que viabilizam uma experiência de leitura mais interativa e compartilhável.

A complexidade dessa situação sublinha a relevância da discussão proposta, ao identificar os pontos de convergência entre a cultura digital, os espaços de leitura contemporâneos e a teoria dos humanos hiper-híbridos. A emergência de um novo paradigma de leitura, marcado pela participação ativa do leitor e pela construção conjunta de significados, encontra seu alicerce na cultura digital. Nesse contexto, as fronteiras entre o mundo físico e o digital diluem-se, culminando em ambientes de leitura que são fluidos e adaptáveis.

Consequentemente, a presente investigação proporciona uma compreensão mais profunda das interações entre os humanos hiper-híbridos e a cultura digital nos espaços de leitura contemporâneos. Ancorando nossas reflexões nas palavras de Santaella (2021), reforçamos a necessidade de abordagens adaptativas para apreender essas transformações. A constante evolução dos espaços de leitura na era da cultura digital exige uma análise dinâmica capaz de capturar as nuances de uma experiência humana que está em constante processo de hibridização.

1. Cultura Contemporânea: Cultura Digital

O termo "cultura" é passível de acomodar uma multiplicidade de significados. No contexto da cultura digital, sua relação semântica se entrelaça de forma indissociável com a tecnologia, especialmente à luz das tensões subjacentes nas bases valorativas socioideológicas. Nesse âmbito, torna-se imperativo buscar respostas acerca do papel desempenhado pelos recursos disponíveis no século XXI para manifestar a interação entre gerações, bem como as alternativas delineadas para uma sociedade que experimenta o envelhecimento populacional. Similarmente, questiona-se qual é a contribuição da cultura para abordar o enfrentamento humano diante da passagem do tempo.

A tecnologia, inserida na tessitura da cultura contemporânea, ostenta uma relevância tão intrincada que seria de considerável complexidade sustentar a cultura em sua ausência. Desde tarefas elementares até as mais complexas, a vida humana encontra-se essencialmente permeada e solucionada, de maneira direta ou indireta, pelos sistemas computacionais modernos, nos quais o elemento digital, enraizado no *modus operandi* da sociedade, assume um papel fundamental na reconfiguração das formas de interações, abarcando desde as esferas interpessoais até o acesso à informação e a aquisição de conhecimento.

Evidentemente, os padrões de assimilação, disseminação e consumo de conteúdos de cunho literário e acadêmico repousam sobre a base tecnológica na contemporaneidade. Nesse contexto, além do destaque atribuído aos dispositivos, aparatos e instrumentos tecnológicos, há uma sinalização para a importância de redefinir o conceito de cultura digital como um conjunto complexo de práticas sociais, enraizado nas redes de relações sociais que emergem no cotidiano.

A cultura digital tem engendrado transformações de importância significativa, incluindo reconfigurações nas concepções de espaço, tempo e nas conexões sociais. Essas transformações, primordialmente, oferecem uma reconfiguração das relações dos indivíduos contemporâneos com novas experiências de leitura. Conforme observado por Martins (2018:16), essas práticas “demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis”.

No entanto, ressalta-se que tais interfaces tecnológicas, por si só, não conferem uma mudança substancial às experiências de leitura. A leitura, quando entendida como um diálogo com os espaços de leitura contemporâneos, desvela uma participação ativa na luta contra as barreiras e limitações inerentes à mera retenção de informações. O significado dessa leitura reside na resistência à tirania do tempo cronológico, que, ao isolar, descontextualiza, fragmenta e enfraquece o conhecimento. Essa perspectiva permite que cada indivíduo possa vivenciar seu tempo de maneira propícia para se emancipar e ser libertado, transmutando entre imanência e transcendência, situando-se no mundo.

A leitura em espaços de conectividade expõe uma palavra que é livre e inalienável, uma palavra em fluxo e interação. Desse modo, emerge uma leitura que não se confina à materialidade dos livros, mas antes se configura como uma nova prática, oferecendo a oportunidade de construir sentido(s) em novas perspectivas de interpretação.

Por um lado, é impossível para um ator, mesmo que muito poderoso, dominar ou mesmo conhecer o conjunto dos fatores que contribuem para a emergência da tecnocultura contemporânea, até mesmo porque há novas ideias, novas práticas e novas técnicas que não param de surgir nos lugares menos esperados. Por outro lado, o devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito (LÉVY, 1999:206).

Lévy (1999) esclarece que as novas práticas e técnicas advindas da cibercultura contemporânea, tal como exploradas neste estudo por meio das plataformas de leitura em espaços conectados, representam um realinhamento do tempo e do espaço com suas próprias características distintivas. Em consonância com Belting (2006), a linguagem é compreendida como um meio de transmitir imagens, sendo que as palavras têm o poder de incitar a imaginação, enquanto a imaginação, por sua vez, transforma as palavras nas imagens que elas representam. Novamente, aqui, percebe-se a proximidade entre imagens e narrativas, solidificando a conexão entre o âmbito da comunicação e a experiência estética. De acordo com o autor, o corpo, particularmente o cérebro, desempenha um papel crucial em preencher as imagens com vivências pessoais e significados.

O cerne deste estudo emerge da premissa de que a experiência é uma atividade que se desenrola em um espaço de relações e compartilhamento, florescendo em possibilidades de diálogo. Essas asserções encontram ressonância na experiência que se materializa como uma imagem a ser lida e partilhada, abrangendo desde os momentos cotidianos até as vivências estéticas mais elaboradas. A linguagem, inerentemente multissensorial, assume inclinações em suas construções e significados. Os participantes, imersos em seus respectivos contextos, engajam-se na tessitura de suas conexões e interpretações, que podem oscilar entre o preciso e o impreciso. Esses processos comunicacionais constituem-se como redes semânticas, fluidas e passíveis de recombinação. Analogamente, as mídias têm experimentado condições consideravelmente heterogêneas, emergindo de contextos impregnados pela cultura que converge no processo evolutivo das mídias. Conforme aponta Santaella (2003:2):

Para compreender essas passagens de uma cultura à outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.

Nesse sentido, a pesquisa se fundamenta na compreensão de que a cultura contemporânea, especialmente sob a influência das tecnologias digitais, está intrinsecamente entrelaçada com as mudanças nas formas de comunicação e expressão, oferecendo oportunidades de

leitura e interpretação enriquecidas por meio de interações complexas entre imagens, linguagem e narrativas.

Essas condições, interpretadas como novas construções de sentido, derivam das mudanças científicas e tecnológicas, que atuam como fontes multifacetadas nos processos comunicacionais, constituindo uma prática intrinsecamente enraizada na fluidez e na interconexão. Há um mergulho profundo na cultura digital, especialmente no cenário do século XXI, em que interesses provenientes de diversas esferas sociais exercem uma influência cada vez mais marcante sobre esse meio. A irrupção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) traz consigo uma diversidade de potencialidades e desafios, tanto no âmbito da criação e organização de informações, quanto no armazenamento e recuperação desses dados. Esse cenário confere roupagens contemporâneas ao acesso ao conhecimento.

Nos últimos tempos, a atenção tem se voltado para a tecnologia como uma força capaz de singularizar a experiência, tornando-a intrinsecamente formadora. As formas pelas quais os enunciados são apresentados, por meio de dispositivos tecnológicos que por si só são cativantes, amplificam a potência da experiência, estabelecendo diálogos evidentes com o contexto contemporâneo caracterizado pela ubíqua conectividade tecnológica. Essa experiência torna-se um vetor cada vez mais evidente, incorporando as tecnologias do nosso tempo, em consonância com as características contemporâneas.

O que se observa é que a adoção da prática da conectividade, com experiências de acesso individualizadas, reconfigura não apenas as funções e suas manifestações, mas também o *modus operandi* que orienta os múltiplos espaços do século XXI. Isso implica uma revisão das próprias delimitações e demarcações espaço-temporais. Essa experiência transcende as noções convencionais de espaço e tempo, expandindo nossos próprios limites. Nesse contexto, a inserção cada vez mais profunda na cultura digital, mediada pelas tecnologias, não apenas remodela as interações humanas e as formas de acesso à informação, mas também provoca uma redefinição da nossa percepção do espaço e do tempo. A interconexão constante e a experiência ampliada a partir de tecnologias contemporâneas expandem os horizontes do que é possível experimentar e compreender, desafiando as fronteiras tradicionais do visível e invisível.

Quando hablamos de Cultura Digital, estamos haciendo alusión a un conjunto de prácticas sociales y culturales (campo) que cruzan el mundo digital y de las tecnologías de la información y la comunicación. No estamos hablando sólo del universo de las redes sociales y del uso de las tecnologías al servicio de las comunicaciones, sino que hablamos de una perspectiva de derechos, de producción, de conexión, de acceso, de creación y relaciones sociales (WILSON, 2018:74-75)¹

¹ Quando se fala em Cultura Digital, refere-se a um conjunto de práticas sociais e culturais (campo) que atravessam o mundo digital e as tecnologias de informação e comunicação. Não se diz apenas do universo das redes sociais e do uso de tecnologias a serviço das comunicações, mas de uma perspectiva de direitos, de produção, de conexão, de acesso, de criação e relações sociais (WILSON, 2018:74-75).

Quando Wilson (2018) aborda a temática da cultura digital, transcende a mera consideração do uso de tecnologias informacionais ou redes sociais, introduzindo um entendimento que abarca novas e intrínsecas significações que permeiam a esfera da vida social. Destarte, é imperativo desvencilharmo-nos do pensamento arraigado que restritamente associa cultura digital à mera adoção de tecnologias digitais. Seguindo essa linha de raciocínio, Saldarriaga (2018) explora um aspecto específico no contexto da cultura digital. Para a autora, a cultura se manifesta a partir da aprendizagem e das interações sociais:

Hoy entendemos que la relación entre lo digital y la cultura no está determinada por la tecnología, por el contrario, promovemos el principio de que lo que tiene valor son los contenidos y las interacciones que ellos generan y no los dispositivos o tecnologías en que se consultan o producen. Esto ha requerido de una constante revisión, pues los fenómenos que resultan de esa simbiosis Comunicación + TIC + Cultura son dinámicos y permeables desde las relaciones sociales, la participación ciudadana y las tendencias del mercado. También lo son desde los aprendizajes que se gestan del desarrollo mismo de los proyectos con las comunidades y, muy importante, desde las conclusiones y los acuerdos que se comparten con los sectores académicos involucrados para la evaluación de las iniciativas institucionales (SALDARRIAGA, 2018:65)²

Dessa maneira, as concepções de Saldarriaga (2018), Wilson (2018) e Santaella (2003) se harmonizam na perspectiva de que a cultura digital transcende a mera incorporação de tecnologias, sendo caracterizada como um processo em constante evolução, moldando comportamentos e gerando efeitos graduais, em consonância com as transformações sociais. Em pleno século XXI, é impossível ignorar a influência da cultura digital. Nesse contexto, existem conexões, trajetórias e diálogos que levam à compreensão de que a cultura digital é intrinsicamente integrada à cultura contemporânea, particularmente quando examinada do ponto de vista comportamental. Nesse sentido, torna-se fundamental redefinir o conceito de espaços de leitura contemporâneos a fim de plenamente compreender a inserção da cultura digital nesse ambiente.

2. Espaços contemporâneos de leitura

Nos últimos decênios do século XX e, de forma ainda mais acentuada, no início do século XXI, observamos mudanças que abrangem todos os aspectos da sociedade e transformações substanciais nas instituições bibliotecárias. Como construto cultural, a

² Hoje entendemos que a relação entre digital e cultura não é determinada pela tecnologia, pelo contrário, promovemos o princípio de que valiosos são os conteúdos e as interações que eles geram e não os dispositivos ou tecnologias em que são consultados ou produzidos. Isso exigiu uma revisão constante, pois os fenômenos resultantes dessa simbiose Comunicação + TIC + Cultura são dinâmicos e permeáveis a partir das relações sociais, participação afetiva e tendências de mercado. São também da aprendizagem que é gerada a partir do desenvolvimento de projetos com comunidades e, muito importante, das conclusões e acordos que são compartilhados com os setores acadêmicos envolvidos para a avaliação de iniciativas institucionais (SALDARRIAGA, 2018:65).

biblioteca redefine-se em suas diversas manifestações, entrelaçando-se com o tecido social e, conseqüentemente, com as reconfigurações das civilizações.

Os avanços tecnológicos viabilizam essas novas concepções e paradigmas, acarretando uma evolução contínua ou até mesmo a ruptura de práticas estabelecidas, alinhando-se com as aspirações e necessidades de adaptação às tendências sociais. Entretanto, o cenário contemporâneo apresenta-se permeado por tensões contraditórias. Por vezes, é um terreno hostil e inexplorado, suscitando resistência devido à falta de conhecimento e preparo das instituições e políticas públicas voltadas para o desenvolvimento no setor público. Em outras ocasiões, é um terreno fértil, pois grandes corporações globais como a Google e a Apple, por exemplo, estão profundamente envolvidas nas transformações do setor privado, criando uma rica interação entre diferentes agentes.

As bibliotecas físicas e tradicionais, como espaços privilegiados de leitura, contendo coleções, acervos, seleções e compilações de obras, proporcionam uma experiência íntima de satisfação, aventura e conhecimento por meio das palavras, que estimulam a imaginação e permitem a construção de histórias e narrativas. No entanto, as diretrizes e funções da biblioteca têm evoluído ao longo do tempo e do espaço, sempre espelhando as necessidades das civilizações e adquirindo significados a partir de uma complexa interseção de variáveis.

Na contemporaneidade, o *locus* de leitura não está mais restrito à materialidade dos livros físicos, mas abrange uma ampla gama de registros de dados em diferentes formatos, sejam eles físicos, eletrônicos ou digitais. Isso expande a noção de posse e guarda para incluir acesso e compartilhamento, em ambientes ricos em possibilidades e acervos. Nesse contexto de mudanças, a biblioteca digital emerge como uma expressão que abriga novas experiências dentro desses espaços de leitura, também considerados como espaços culturais. A biblioteca digital é concebida para ser gerida de um ponto central, podendo ser replicada infinitamente em diferentes lugares, sem a necessidade de adquirir novos conteúdos, uma vez que estão disponíveis digitalmente. As características de posse e guarda são ampliadas, visto que a natureza digital não elimina a aquisição, apenas concede direito de acesso.

A partir deste estudo, percebe-se que a biblioteca digital tem a capacidade de disponibilizar seu acervo de forma igualitária para todos, integrando conteúdos diversos já disponíveis e buscando constantemente novos títulos, tornando-se uma fonte inesgotável de conhecimento em qualquer momento e lugar. As transformações perpassam das bibliotecas tradicionais para as digitais, mesmo que o cenário apocalíptico de extinção das primeiras seja prematuro e ilusório. No entanto, cada vez mais, as bibliotecas tradicionais não são mais espaços privilegiados para a obtenção de informações, pesquisa, conhecimento e até mesmo entretenimento.

Nesse intervalo de mudanças, os livros físicos também estão se adaptando, respondendo às demandas do contexto social. A versão digital do livro vem evoluindo com a digitalização, impactando o cenário da cultura de leitura. Na esfera dos livros impressos, a evolução da organização informacional específica de arquivos computacionais permite que o leitor intervenha muito mais do que antes. No entanto, isso não desmistifica completamente a noção de posse e guarda, uma vez que os livros digitais ainda são adquiridos por meio de compras, mas com o direito de acesso, ao invés da posse.

Essa mudança de paradigma resulta nas bibliotecas digitais, nas quais os elementos físicos restritos no espaço físico estão ausentes. Porém, a existência desses elementos em formato digital, cujo acesso e compartilhamento são essenciais para sua existência, remodela parte do conceito e formato preestabelecidos. No entanto, entende-se que não é a materialidade ou imaterialidade que define a mudança de conceito, mas sim uma questão cultural. Assim, o leitor contemporâneo experimenta novos ritmos e sensações fugazes diante das novas formas de leitura, transformando o livro materializado em um objeto menos sacralizado.

A fluidez da computação tem se aproximado, de forma indutiva, do mundo natural, em que o digital está contido. Partindo de uma abordagem orientada para o diálogo com todas as possibilidades de acesso ao conhecimento, este estudo abraça uma perspectiva inovadora que estimula o aprendizado, promovendo o desenvolvimento de habilidades significativas de letramento em um ambiente profundamente interativo.

Ao considerar os espaços contemporâneos de leitura, é evidente como a cultura digital influencia a forma como as pessoas acessam e interagem com informações. Bibliotecas e ambientes de leitura estão se adaptando à dinâmica da cultura digital, incorporando recursos digitais e multimídia para atender às expectativas dos leitores hiper-híbridos.

Mais do que a mimetização da dinâmica intersemiótica e fugidia do nosso pensamento, a condição on/off de nossa existência, ou condição onlife, para usar essa nomenclatura mais ajustada, entronizou-se em nosso próprio modus vivendi nômade, em movimentos intermitentes nos espaços físicos em simultaneidade com os espaços informacionais, sempre hiperconectados e, conseqüentemente, hiper-híbridos (SANTAELLA, 2021:44).

A interação entre a cultura digital, os espaços de leitura contemporâneos e a noção de humanos hiper-híbridos revela um cenário complexo de transformações e a cultura digital redefine a maneira como concebemos a leitura, estimulando a participação ativa do leitor e a co-construção de significados. Ao mesmo tempo, essa cultura digital transforma os espaços de leitura em ambientes fluidos, nos quais as fronteiras entre o físico e o digital se dissolvem.

Portanto, essa discussão oferece uma oportunidade de compreender como a teoria dos humanos hiper-híbridos se aplica aos espaços de leitura contemporâneos, mediados pela cultura digital. Ao citar diretamente Santaella (2021), podemos enfatizar a relevância da interação entre humanos hiper-híbridos e a cultura digital nos espaços de leitura, destacando a necessidade de uma abordagem adaptativa para entender essas transformações.

Esta análise busca compreender como as ideias de Santaella (2021) sobre a hibridização da experiência humana podem ser aplicadas à evolução dos ambientes de leitura na era da cultura digital, na transformação contínua da natureza humana em resposta à imersão crescente em ambientes mediados por tecnologia. Nesse sentido, Santaella (2021) observa: “nossas linguagens não são mais o que pensávamos que eram e, com elas, nós, humanos hiper-híbridos, também não somos mais os mesmos” (SANTAELLA, 2021:46-47). A cultura digital é um dos principais catalisadores dessa hibridização, pois promove a convergência de mídias, linguagens e modos de interação.

3. Letramentos

O desenvolvimento de habilidades significativas de leitura, no qual as relações de sentido emergem da interação de múltiplos sistemas semióticos, compreende a natureza plural e diversificada do letramento enquanto fenômeno. Portanto, todo processo de construção textual é fundamentado na interpretação, sendo uma perspectiva intrinsecamente intercultural. Guiadas pelas epistemologias digitais contemporâneas, as instituições de ensino superior devem adotar uma concepção aberta e abrangente dos textos, incorporando as diversas pluralidades e diversidades impulsionadas pelos multiletramentos e suas ramificações nos estudos linguísticos. Nesse contexto, a contribuição para a epistemologia de performance, que encontra aplicação na sociedade em rede, desencadeia revisões e mudanças na prática pedagógica relacionada aos letramentos, navegando por transformações constantes que tanto originam quanto afetam formas variadas de construção e compartilhamento de significados.

Os textos multimodais e as práticas de letramento digital enfatizam a necessidade de ampliar a compreensão da cultura digital no contexto da relação entre tecnologia e educação. Essas mudanças requerem abordagens inovadoras, acolhendo formas de letramento, conteúdos e aprendizados reinventados ou reimaginados. À medida que novas construções interpretativas da linguagem emergem, colocando a imagem em destaque na comunicação, as interações mentais que ocorrem de maneira digital e em rede, assemelhando-se a sinapses, integram-se no ser, atuando como agentes de letramento na contemporaneidade. Essas atividades não são mais condicionadas por limitações e restrições sócio-históricas que afetam a situação comunicativa. Esse cenário transcende fronteiras educacionais, linguísticas e disciplinares, adotando uma abordagem interdisciplinar.

À medida que novas éticas e estéticas emergem, surgem novas buscas por significado. Essa prática tem o potencial de romper paradigmas, explorando a multiplicidade de linguagens midiáticas e multimidiáticas. Tais manifestações se configuram como semioses híbridas, polifônicas, multidimensionais e complexas.

Somos seres discursivos, sempre ideologicamente marcados, sempre localizados, e os entendimentos que construímos, sejamos nós cientistas ou “gente simples do povo”, são sempre tingidos por ideologias, por perspectivas relacionadas a quem somos, onde estamos e para onde queremos e nos achamos capazes de ir. A língua, pensada assim como discurso, é um sistema de construção de sentidos, desenvolvido culturalmente e adquirido socialmente em relações de confronto e poder (JORDÃO, 2007:22, grifo nosso).

Nesse contexto, emergem comunidades interpretativas que se constituem a partir de perspectivas discursivas caracterizadas por formatos transdisciplinares, intrinsecamente fluidos e mutáveis em sua natureza ontológica. Nesse cenário complexo, manifestam-se nuvens de desobediência epistêmica que permeiam o âmbito de um letramento que resiste, persevera e subsiste. A princípio, essas nuvens são como chuvas finas da interseção entre a linguagem e o pensamento decolonial, evoluindo em um momento posterior para tempestades intensas de metalinguagens e diversidades culturais.

A concepção de pluralismo nos novos letramentos, ou seja, nos multiletramentos, abre espaço para que os conhecimentos que anteriormente estavam rigidamente vinculados às suas respectivas áreas disciplinares sejam abordados sob uma perspectiva dialética, cultural, histórica e social. Isso é possível graças às pluralidades e diversidades impulsionadas pelas epistemologias digitais contemporâneas, que permitem uma visão mais abrangente e conectada das múltiplas dimensões do conhecimento.

Sobre linguagem digital e o participante da sociedade digital, muito mais ainda deve ser estudado e aprendido, com o propósito de compreender o que requer uma nova educação e fazer as escolhas adequadas dos letramentos a serem desenhados, planejados e promovidos os quais reflitam as inegáveis novas necessidades dessas sociedades (MONTE MOR, 2007:44).

No contexto contemporâneo, a concepção de leitura e escrita transcende o mero ato mecânico, transformando-se em uma propriedade complexa e multifacetada que o indivíduo social pode adotar. Nesse âmbito, emerge a capacidade de engajar-se em um amplo espectro de práticas de leitura e escrita em ambiente digital. Esse cenário é resultado da presença de diversas alternativas para ler, interagir, observar, pensar, viver e conviver, permeado por enunciações variadas que levam a reflexões profundas e proposições sobre a atmosfera digital e as mudanças que essa prática promove no campo educacional.

O ambiente digital oferece um terreno fértil para a multiplicidade de experiências de leitura e escrita, permitindo a exploração de novos formatos, abordagens e linguagens. Essa expansão do leque de práticas proporciona uma rica interação entre o indivíduo e o conteúdo, desafiando as fronteiras tradicionais entre o leitor, o autor e a obra. A leitura e escrita digital transcendem a unidimensionalidade do papel e da tinta, abrindo espaço para a hibridização de elementos textuais, visuais, sonoros e interativos.

Além disso, a prática de leitura e escrita no ambiente digital não é uma atividade isolada, mas sim uma atividade que permeia as múltiplas dimensões da vida cotidiana. A interconexão constante proporcionada pela ubiquidade da tecnologia digital transforma essa prática em um componente onipresente da vida moderna. Seja nas interações nas redes sociais, na pesquisa acadêmica on-line, na criação de conteúdo digital ou em outras manifestações, a leitura e escrita digital se estendem para além dos limites físicos, integrando-se de forma intrínseca às dinâmicas sociais e culturais.

Contudo, essa transformação não se estabelece de maneira homogênea. Enquanto algumas camadas da sociedade usufruem plenamente dos recursos e oportunidades oferecidos pelo ambiente digital, outras enfrentam desafios relacionados à exclusão digital, falta de acesso adequado e desigualdades socioeconômicas. Portanto, a compreensão da prática de leitura e escrita em ambiente digital deve levar em consideração essa diversidade de contextos e realidades. Dentro do cenário educacional, a leitura e escrita digitais assumem um papel crucial. As instituições educacionais devem reconhecer a importância de desenvolver competências de letramento digital entre os estudantes, capacitando-os para navegar de maneira crítica e eficaz em um mundo digital cada vez mais complexo e interconectado. A prática de leitura e escrita digital no contexto educacional não apenas promove a aquisição de conhecimento, mas também cultiva habilidades de análise, interpretação, colaboração e expressão criativa.

Em resumo, a leitura e escrita no ambiente digital não são meramente transposições das práticas analógicas para um meio eletrônico, mas sim uma evolução significativa que reconfigura a natureza da interação humana com a informação, o conhecimento e a cultura. A ubiquidade, a interatividade e a hibridização de elementos multimodais conferem uma dinâmica única a essa prática, impactando não apenas as esferas educacionais, mas também a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

No entanto, a dimensão da contemporaneidade no ensino de práticas de letramento não tem somente a ver com o ensino daquilo que há de mais avançado tecnologicamente, ou aquilo que é mais funcional e, portanto, terá maior serventia escola afora, embora ambos sejam aspectos importantes para determinar objetivos educacionais. A contemporaneidade diz respeito à flexibilidade e ao respeito pela cultura do outro para garantir a inserção tranquila do aluno nos novos modos de fazer sentido via escrita na sociedade tecnológica em que imagem e texto escrito imperam. Ser contemporâneo é ouvir o que o outro quer e aproveitar a flexibilidade de novos modos de ser e significar para propiciar as condições para que o aluno satisfaça seu desejo (KEILMAN, 2014:82, 83).

Para atingir esse objetivo, é fundamental desenvolver uma compreensão aprofundada dos processos de letramento que emergem da cultura digital. Essa análise deve ser conduzida por meio de um olhar reflexivo, crítico e dialético, que considera a dinâmica complexa de apropriação e uso das mídias digitais. Afinal, como observa Keilman (2014:76), “a experiência digital é relacional, dialógica, envolvendo relações humanas cada vez mais amplas e complexas”.

A abordagem reflexiva implica em um exame profundo das implicações sociais, culturais e cognitivas da interação com as tecnologias digitais. Ela requer uma análise cuidadosa das formas pelas quais os indivíduos engajam com as mídias digitais, como isso molda suas percepções de mundo e como contribui para a construção de identidades pessoais e coletivas. Esse processo exige uma autoconsciência constante sobre o impacto das mídias digitais em nossos modos de pensar, comunicar e interagir.

A perspectiva crítica, por sua vez, é essencial para questionar as narrativas predominantes e os discursos que circulam no espaço digital. Isso implica em não apenas consumir passivamente o conteúdo digital, mas também avaliar de maneira crítica as fontes, os discursos e as intenções por trás das informações apresentadas. A crítica também se estende à análise das estruturas de poder presentes no ambiente digital, incluindo questões de privacidade, vigilância, desigualdade e manipulação.

A abordagem dialética envolve o reconhecimento da complexidade e interconexão entre diferentes dimensões da cultura digital. Ela implica em compreender as tensões e contradições inerentes ao uso das mídias digitais, assim como as possibilidades de síntese e transformação que podem surgir dessas tensões. A dialética também estimula a exploração de diferentes perspectivas e vozes no cenário digital, promovendo um diálogo rico e plural.

A citação de Keilman (2014) destaca a natureza relacional da experiência digital, ressaltando que o uso das mídias digitais vai além da interação com dispositivos

tecnológicos, envolvendo relações humanas complexas e amplas que são mediadas pelo ambiente digital. Isso nos lembra que, ao explorar a cultura digital, não estamos apenas lidando com tecnologias isoladas, mas também com redes sociais, comunidades on-line e conexões interpessoais que moldam nossa experiência digital de maneira profunda.

Portanto, a compreensão dos processos de letramento a partir da cultura digital demanda uma abordagem holística e sofisticada que incorpora elementos reflexivos, críticos e dialéticos. Essa análise complexa nos capacita a navegar de forma informada e responsável no mundo digital em constante evolução, e nos ajuda a aproveitar ao máximo as possibilidades e desafios oferecidos por essa cultura em transformação.

Considerações

Por meio das discussões suscitadas até o momento, mediante a associação cuidadosa de conceitos, campos de estudo, contextos e experiências, nossa proposição busca justamente discernir os contornos do cotidiano contemporâneo. Isso nos conduz a explorar o anônimo, um limiar permeado pela cultura digital que transcende o domínio do ordinário. As mutações observadas são, na verdade, resultantes de complexas interações com os modos de vida das pessoas, ultrapassando a mera questão do acesso tecnológico. O que efetivamente incita a mudança é a intrincada *interplay* de afetar e ser afetado, decorrente das experiências imersas no contexto global.

Sob essa abordagem, o estudo emerge com a compreensão das bibliotecas contemporâneas como potenciais catalisadores de espaços orgânicos, que permeiam os fluídos sociais terrenos, como reservatórios de sementes de potencialidades emergentes, delineadas por orientações em consonância com as contingências atuais. Consequentemente, a análise da cultura digital no cruzamento entre linguagem e educação, em sinergia com as últimas manifestações das tecnologias digitais de informação e comunicação, requer a aceitação e adoção de formas alternativas de letramento. Essa perspectiva de letramento deve levar em consideração o entrelaçamento entre a rica tapeçaria do conhecimento histórico e cultural relacionado à leitura e escrita. Dessa forma, é possível evitar descompassos entre as aspirações individuais das instituições educacionais e as necessidades coletivas do corpo social.

No lugar dos materiais físicos tradicionais da linguagem, os espaços de leitura contemporâneos se delineiam por fluxos que favorecem acessos e compartilhamentos, engendrando experiências humanas distintas e renovadas. Isso pode ser compreendido como uma jornada contraposta à estaticidade do espaço convencional. A analogia com o rio, presente na compreensão da cultura contemporânea, evoca um curso de águas turbulento, incessante e contínuo. Seguindo essa fluidez impetuosa e imprevisível em sua essência, emergem reflexões que vão além da mera conectividade na relação da sociedade com a intrínseca tecnologia que permeia a vida moderna.

As transformações que se encontram em pleno curso, abundantes e imponentes como torrentes, engendram correntes de possibilidades para que os estudiosos da cultura contemporânea possam mergulhar, discernindo novas vertentes teóricas e práticas nos espaços de leitura, passando do paradigma de posse e guarda para um cenário de acesso e compartilhamento. Esta pesquisa, nesse sentido, permitiu contextualizar a incessante evolução da experiência humana em um cenário permeado pela crescente interação

tecnológica. A constatação de que a hibridização é um processo contínuo e irreversível ressoa de forma significativa no contexto atual. Observa-se que a cultura digital emerge como um dos principais propulsores dessa mudança, convergindo diversos elementos midiáticos, linguísticos e interativos.

A transformação desses conceitos em relação aos espaços de leitura contemporâneos é notória. As bibliotecas e ambientes de leitura estão passando por uma metamorfose para se adequarem às demandas de leitores hiper-híbridos e a interação digital modifica não apenas o ato de leitura, mas também a relação do leitor com a informação. Esse processo reflete na adoção de tecnologias e recursos digitais que possibilitam uma experiência de leitura mais interativa e compartilhável.

Essa conjuntura complexa sublinha a relevância da discussão proposta, à medida que identifica os pontos de confluência entre a cultura digital, os espaços de leitura contemporâneos e a teoria dos humanos hiper-híbridos. A emergência de um novo paradigma de leitura, caracterizado por participação ativa e co-construção de significados, tem sua base na cultura digital. Nesse contexto, os limites entre o físico e o digital se esvanecem, resultando em ambientes de leitura fluidos e adaptativos.

Portanto, essa investigação proporciona um entendimento mais profundo das interações entre humanos hiper-híbridos e a cultura digital nos espaços de leitura contemporâneos. Ao ancorar nossas considerações entretecidas, que a evolução constante dos espaços de leitura na era da cultura digital exige uma análise dinâmica que capte as nuances da experiência humana em constante hibridização.

Referências bibliográficas

BELTING, Hans

2006 Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia. Trad. Juliano Cappi. *Ghreb: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*. 8 (jul. 2006) 32-60.

JORDÃO, Clarissa Menezes

2007 As Lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. 46:1 (jan./jun. 2007) 19-29.

KLEIMAN, Ângela

2014 Letramento na contemporaneidade. *Bakhtiniana*. 9:2 (ago./dez. 2014) 72-91.

LÉVY, Pierre

1999 *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARTINS, Dalton

2018 As Práticas da cultura digital. In *Cultura e Pensamento: Cultura Digital e Economia da Cultura*. Org. Cleomar Racha, Magali Guedes Magela. Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 11-25.

MONTE MOR, Walkyria

2007 Linguagem digital e interpretação: perspectivas epistemológicas. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. 46:1 (jan./jun. 2007) 31-44.

SALDARRIAGA, Nathalia María Restrepo

2018 Contenedores digitais que fortalecen las representaciones culturales. In *Cultura e Pensamento: Cultura Digital e Economia da Cultura*. Org. Cleomar Racha, Magali Guedes Magela. Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 61-71.

SANTAELLA, Lucia

2021 *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da Internet*. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTAELLA, Lucia

2003 Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*. [Em linha]. 22 (dez. 2003). [Consult. 10 jul. 2023]. Disponível em: <http://www.vaipav.xpg.com.br/Material/HUMANIDADES/Texto%20Lucia%20Santaella.pdf>.

WILSON, Simón Pérez

2018 La Cultura Digital: lecturas y formas de acción. In *Cultura e Pensamento: Cultura Digital e Economia da Cultura*. Org. Cleomar Racha, Magali Guedes Magela. Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 73-85.

Olira Saraiva Rodrigues | olirarodrigues@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás, Brasil